

AGRICULTURA NO BRASIL

Evolução do setor , Exportação x consumo interno , Novas tecnologias , Política agrícola , Protecionismo, Crédito agrícola

A safra agrícola estimada para 1999 é de 82,6 milhões de toneladas, um volume 9,9% superior ao de 1998, conforme o Levantamento Sistemático de Produção Agrícola (LSPA) do IBGE. É a maior safra desde 1995, quando foram produzidos 79,4 milhões de toneladas. Entre as culturas mais produtivas destacam-se os arroz, o feijão, o milho, o algodão e a laranja.

Em 1998, o país exporta mais, porém obtém menor ganho. Os preços do commodities (produtos primários) agrícolas, como suco de laranja, café, cacau, açúcar, soja e milho, diminuem por causa da retração do mercado e da crise financeira asiática, em 1997, e russa, em 1998. Um levantamento da Associação Brasileira de Comércio Exterior mostra que, a partir de meados de 1997, os commodities atingem seus preços mais baixos dos últimos 20 anos no mercado internacional. Para essa queda também contribuem o aumento da produção mundial, o que ocasiona maior concorrência, e a elevação dos preços dos insumos agrícolas, como fertilizantes, adubos e inseticidas, causada pela desvalorização do real em janeiro de 1999. Em agosto, por exemplo, cai o valor bruto da produção (quantidade produzida multiplicada pelo preço de venda) do café (33,8%), da cana-de-açúcar (14,6%) e da soja (10,6%) em relação ao mesmo período do ano anterior, de acordo com o Departamento Econômico da Confederação Nacional da Agricultura (Conab).

Evolução do setor – Nos últimos anos, culturas com grande potencial exportador têm excelente desempenho em termos de rendimento por área plantada, apresentando um crescimento médio anual de preços de 1,9% na última década. Nessa categoria estão a soja, a cana-de-açúcar e a laranja. A produção anual de soja cresce em média 31,8% entre os períodos 1990-1994 e 1995-1998; a de cana-de-açúcar aumenta 22,6%; a de laranja, 18,2%; e a de grãos, 18,5%. Lavouras voltadas para o consumo interno, entretanto, apresentam queda na produção e na área colhida. As safras de arroz e de feijão praticamente não se modificam entre os períodos 1990-1994 e 1995-1998; a produção de trigo cai 3,6% e a de algodão tem queda acentuada de 31,8%.

Exportação x consumo interno – A disparidade entre o desempenho das lavouras de potencial exportador e o das voltadas ao mercado nacional é atribuída à política econômica do país. Os exportadores se beneficiam de créditos concedidos por importadores estrangeiros, que cobram juros bem inferiores aos do Brasil. Isso garante à agricultura de exportação custos menores, que compensam a falta de crédito e a insuficiência de armazenamento e de distribuição no território brasileiro. Lavouras menores e voltadas basicamente para o abastecimento do mercado interno, no entanto, têm sido prejudicadas pela abertura comercial, que estimula a entrada de produtos agrícolas estrangeiros; pela valorização do câmbio, que barateia o custo deles no Brasil; e pelas altas taxas de juros praticadas no país. A isso se acrescenta a diminuição das políticas de suporte à agricultura.

A conjunção desses fatores força a redução dos preços dos commodities agrícolas. No decorrer da década, a queda total é de 28,6%. Como consequência, o Brasil passa a importar grande volume de produtos de consumo tradicional – arroz e trigo, por exemplo –, inclusive aqueles cujas lavouras têm evolução favorável, como o milho. Outro efeito é o aumento do desemprego rural. Entre 1985 e 1995, a mão-de-obra agrícola teve redução de 23%, passando de 23,3 milhões para 17,9 milhões.

Os estados que mais dispensaram agricultores, proporcionalmente, foram Rio de Janeiro, Amazonas, São Paulo e Paraná. Parte desses trabalhadores e suas famílias hoje compõe a população marginalizada ou subempregada nas grandes cidades e nos movimentos contestatórios no campo, como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST).

Novas tecnologias – Outra transformação importante na agricultura brasileira nos últimos anos é a utilização e difusão de novas tecnologias. Cresce o número de estabelecimentos que possuem tratores, empregam fertilizantes e outros insumos agrícolas e adotam práticas de conservação do solo (recuperação de terrenos erodidos, irrigação de regiões com baixo índice pluviométrico etc.). De modo geral, áreas de alto padrão tecnológico – principalmente no Sul, no Sudeste e em parte do Centro-Oeste – convivem com regiões menos desenvolvidas, como o Norte e o Nordeste.

Política agrícola – Para o governo brasileiro, quando a economia nacional estava fechada às importações, certas lavouras eram artificialmente lucrativas. Com a abertura, surge a necessidade de transferir recursos dessas culturas para outras, realmente lucrativas, o que deverá modificar a composição da agricultura no país. Esse processo de reorganização pode acarretar efeitos negativos temporários, como o aumento do desemprego. De acordo com essa visão, esses problemas são decorrentes da perda de importância relativa do setor rural na economia em todo o mundo.

Para os críticos da atual política agrícola nacional, o Brasil deveria imitar as nações desenvolvidas, subsidiando a agricultura para amenizar o processo de declínio da economia rural. Dessa forma, estaria aproveitando melhor as vantagens que o país oferece – ampla extensão de terras cultiváveis, mão-de-obra abundante e barata, variedade climática e capacidade de pesquisa agropecuária. As principais reivindicações são melhoria das condições de financiamento, implementação de políticas de preços mínimos e barreiras tarifárias e não tarifárias para equilibrar a produção interna com as importações.

Protecionismo – Há um consenso de que a agricultura brasileira é prejudicada pela proteção ao setor rural existente nas nações desenvolvidas. Os subsídios agrícolas concedidos nesses países a seus agricultores causam queda de preços nos mercados internacionais. Além disso, as barreiras tarifárias e não tarifárias impostas por eles dificultam a venda de produtos estrangeiros em seu território. Estima-se que os subsídios dos países ricos provoquem perdas de aproximadamente 5 bilhões de dólares por ano ao Brasil na exportação de commodities agrícolas. Os Estados Unidos (EUA), por exemplo, sobretaxam as exportações brasileiras de fumo e suco de laranja como forma de proteger seus produtores, impõem cotas ao açúcar e barreiras sanitárias à compra de laranja e banana do Brasil. Cerca de 20 commodities brasileiros, basicamente agrícolas, enfrentam dificuldades para entrar nos mercados dos países desenvolvidos. Os produtores nacionais pedem ao governo proteção no mesmo sentido – de resguardar o mercado interno – e intervenção nos foros internacionais, como a Organização Mundial do Comércio (OMC), contra as barreiras comerciais levantadas por outros países.

Crédito agrícola – Atualmente, os principais programas de crédito agrícola do governo federal são o Crédito Rural de Custeio, destinado a produtores rurais e cooperativas, e o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf). Iniciado em 1995 com o objetivo de conter o êxodo rural, o Pronaf efetua 715.854 contratos de financiamento em 1998, no valor total de 1,8 milhão de reais. Entre 1995 e 1997 haviam sido assinados cerca de 860 mil contratos, e o total de recursos aplicados foi de aproximadamente 2,4 bilhões de reais.

Para conseguir crédito no Pronaf, os candidatos devem apresentar determinados requisitos, segundo os quais serão encaixados em um dos quatro grupos de classificação. Os agricultores do grupo A, por exemplo, devem ser assentados pelo Programa Nacional de Reforma Agrária. Entre outras condições, os trabalhadores

rurais do grupo B devem ter renda bruta anual familiar de até 1,5 mil reais (excluindo aposentadorias). Já os demais grupos precisam obter no mínimo 80% da renda familiar anual – de 1,5 mil a 8 mil reais para o grupo C e de 8 mil a 27,5 mil reais para o grupo D – por intermédio da propriedade rural.

Agricultura BR, Área das principais culturas

Produto	Área (em hectare)	1998	1999
Algodão herbáceo		828.065	673.137
Arroz		3.069.145	3.824.916
Banana		519.329	524.577
Batata-inglesa		174.475	173.660
Café		2.081.591	2.213.687
Cana-de-açúcar		4.972.013	4.878.406
Feijão	3.324.388		4.240.690
Laranja		1.014.839	1.046.597
Mandioca		1.587.795	1.577.779
Milho		10.605.252	11.787.791
Soja		13.259.518	13.038.933
Trigo		1.422.791	1.263.085

Fonte: IBGE * Refere-se ao Levantamento Sistemático de Produção Agrícola (LSPA) do mês de agosto de cada ano.

Agricultura BR, Principais culturas

Produto	Produção (em t.)	
	1998	1999
Algodão herbáceo (em caroço)	1.176.577	1.409.708
Arroz (em casca)	7.743.665	11.727.447
Banana (em mil cachos)	532.457	549.536
Batata-inglesa	2.674.965	2.835.073
Café (em coco)	3.450.313	3.218.306
Cana-de-açúcar	338.971.530	334.515.317
Feijão	2.199.934	2.937.343
Laranja (em mil frutos)	103.659.261	115.237.434
Mandioca	19.661.491	20.509.237
Milho	29.493.877	32.026.479
Soja	31.374.067	30.912.550
Trigo	2.231.634	2.432.483

Fonte: IBGE * Refere-se ao Levantamento Sistemático de Produção Agrícola (LSPA) de agosto de cada ano.